

Full informatiu

Núm. 80 3 de Fevereiro de 2009



Gran Teatre del Liceu



Harry Bicket



Miah Persson, Sarah Connolly, Marina Beaumont

Representações

3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 13 e 14 de Fevereiro de 2009, às 20 h.
15 de Fevereiro de 2009, às 17 h.

Ficha artística

Direcção musical: Harry Bicket
Encenação: David Alden
Cenografia: Paul Steinberg
Vestufário: Buki Shiff
Iluminação: Pat Collins
Co-produção: Bayerische Staatsoper (Munique) / Welsh National Opera (Cardiff)

Nerone, imperador de Roma: Sarah Connolly / Kate Aldrich*
Ottone, primeiro cavaleiro: Carlos Mena / Jordi Domènech*
Seneca, filósofo, mestre de Nerone: Franz-Josef Selig / Mirco Palazzi*
Liberto, capitão da Guarda Pretoriana / soldado / consú: Francisco Vas
Lucano, poeta familiar de Nerone / soldado / consú / familiar: Guy de Mey
Valletto, pajem da imperatriz: William Berger
Lictor / Mercúrio / tribuno / familiar: Josep Miquel Ramón
Tribuno: Marc Pujol
Ottavia, imperatriz reinante, repudiada por Nerone: Maite Beaumont / Marina Rodríguez-Cusi*
Poppea, dama nobre, favorita de Nerone: Miah Persson / Isabel Bayrakdarian*
Drusilla, dama da corte, apaixonada por Ottone: Ruth Rosique
Moça da imperatriz / a Virtude / coro de Amores: Judith van Wanroij
Ama-de-leite da imperatriz / Arnalta, velha conselheira de Poppea / familiar: Dominique Visse / Xavier Sabata*
A Fortuna / Palas / Vénus: Marisa Martins
Amor: Olatz Saitua
Coro de Amores: Elena Copons
Coro de Amores: Inés Moraleda

* 4, 6, 11 e 14 de Fevereiro

Conferências

Conferência organizada pela associação Amics del Liceu na Sala de Orquestra do Gran Teatre del Liceu: Marcel Cervelló sobre *L'incoronazione di Poppea*. Quinta-feira, 29 de Janeiro, às 19,30 h.

Actos prévios
45 minutos antes do espectáculo, oferece-se no Foyer uma sessão informativa sobre a ópera.

Retransmissões

10 de Fevereiro, às 20 h.
Radio Clásica de RNE [Rádio Nacional de Espanha] (em directo).

10 de Fevereiro, às 20 h.
Catalunya Música (em directo).

Livros

• Tàctico: *Annals (13-16: Nero)*. Edicions La Magrana, 1996.

• Claudio Monteverdi: *Le couronnement de Poppee*. «L'Avant-Scène Opéra», núm. 115. Editions Premieres Loges, 1988.

Música

Cortesanes en l'òpera (Cortesas na ópera)
«Em ocasió de *L'incoronazione di Poppea*»

Obras de Claudio Monteverdi, Tarquinio Merula, Andrea Falconieri, Claude Debussy, Giuseppe Verdi, Jules Massenet e outros.

Marisa Martins, *meio-soprano*
Josep Miquel Ramon, *barítono*
Dani Espasa, *piano*

Vespres d'Arnadí
Dani Espasa, *clave, órgão e direcção musical*

Assessor musical: Jaume Creus

Segunda-feira, 16 de Fevereiro de 2009, às 20 h.

CLAUDIO MONTEVERDI:

L'incoronazione di Poppea

Quando, no fim da ópera, Poppea é exaltada como imperatriz de Roma ao converter-se em esposa de Nerone, a cena culmina o longo percurso que ela seguiu até aceder ao tálamo do imperador e que esteve minado por muitos incidentes –intrigas, traições, exílios– que puseram em perigo o seu objectivo e dos quais a protagonista sempre saiu vitoriosa. No entanto, este processo não é idealizado porque a ópera não maquiilha o que a História diz destas duas personagens: Que Nero foi um déspota colérico e que Poppeia era uma cortesana ambiciosa e sem escrúpulos. Por isso, o amor que une Nerone e Poppea apresenta-se, sobretudo, como o fruto da lascívia e da ambição, e por isso é que a ópera tem com frequência tom de farsa, pautado, ocasionalmente, por árias de um elegante lirismo.

L'incoronazione di Poppea (1642) tem um prólogo e três actos. O prólogo contém a chave de toda a ópera: É uma alegoria em que Amor, o deus protector de Poppea, afirma que apenas ele, e não a Virtude ou a Fortuna, determina o destino e a felicidade dos homens. No primeiro acto, a relação de Nerone e Poppea ainda é furtiva, embora o rumor tenha chegado a todos os que estão implicados: A Ottone, o amante de Poppea; a Ottavia, a esposa de Nerone; aos criados –umas personagens grotescas que fazem de confidentes dos seus amos–; a Seneca, que faz de conselheiro do imperador; e mesmo aos soldados que fazem guarda. Ao longo de todo o acto, vai reiterando-se a capacidade sedutora de Poppea, a ira dos dois amantes desenganados, Ottone e Ottavia, e a posição estóica de Seneca, que o enfrentará com o imperador, factos que se produzem num ambiente marcado pela decadência moral do Império.

No segundo acto, os dois obstáculos que dificultavam o caminho de Poppea para o tálamo imperial –Seneca e Ottavia– desaparecem: Em primeiro lugar, porque Seneca é condenado por Nerone a suicidar-se; e, em segundo lugar, porque Ottone, disfarçado com os vestidos da sua nova amante Drusilla, tenta –instigado por Ottavia– matar Poppea. Amor o impede, mas este facto, acima de tudo, facilita a Nerone o argumento definitivo que precisava para repudiar Ottavia.

O terceiro acto é o do desenlace, já que aplanava definitivamente o caminho que conduz ao casamento de Nerone e Poppea. Ottone, para salvar Drusilla, acusada injustamente da tentativa de assassinato, confessa a verdade: Que Ottavia foi quem urdiu o complot para matar Poppea. O imperador, a seguir, condena Drusilla e Ottone ao exílio, e Ottavia a ser colocada num bote abandonado ao capricho dos ventos. Na última cena, a corte aclama Poppea como nova imperatriz de Roma. O complexo texto de Gian Francesco Busenello e a música de Monteverdi são magníficos e, na ópera, confluem momentos de um delicado lirismo –como as árias de Ottavia («Disprezzata Regina», «A Dio Roma») ou os duetos de Poppea e Nerone («Come dolci, Signor», «Pur ti miro»)– com outros de uma rude comicidade burlesca.

O libreto de *L'incoronazione di Poppea* inspira-se em parte nos Anais (115) do historiador latino Tácito. Reproduzimos os fragmentos mais significativos dedicados a Popeia e à morte de Sêneca a partir da versão traduzida para o catalão de Miquel Dolç (Fundação Bernat Metge).

«Havia em Roma uma mulher, Sabina Popeia, nascida de T. Olio, que tomara, porém, o nome do seu avô materno, Popeu Sabino, de ilustre memória, antigo cônsul, resplandecendo pelas insígnias do triunfo [...]. Esta mulher tinha tudo, à exceção de uma alma honesta. Além disso, a sua mãe, que ultrapassava em atractivos todas as mulheres do seu tempo, dera-lhe a glória ao mesmo tempo que a beleza; as suas riquezas bastavam para o esplendor da sua linhagem. A sua conversa era elegante e o seu talento não desagradável; aparentava modéstia e livrava-se à incontinência; mostrava-se raramente em público, e sempre com o rosto meio tapado, quer por não saciar a curiosidade quer porque assim tinha mais encanto. Nunca prestou atenção à sua reputação, nem distinguia entre maridos e amantes; sem se considerar sujeita nem às suas afeições nem às alheias, levava os seus caprichos até lá onde via o seu proveito. Assim, embora casada [...], deixou-se seduzir pela juventude e o luxo de Otão, bem como pela fama que tinha de ser o favorito mais entranhável de Nero. [...] Otão, talvez incauto por amor, não se privava de louvar a beleza e a elegância da sua mulher perante o príncipe, ou talvez queria acender os seus desejos achando que, se os dois possuírem a mesma mulher, aumentaria a sua pujança com este novo vínculo. [...] Admitida no palácio, Popeia começa a fazer-se respeitar graças às demonstrações de carinho melosas e aos artifícios, simula que não pode dominar o seu arrebatamento e que está cativada pela beleza de Nero; depois, ao se agudizar já o amor do príncipe, torna-se soberba [...] [Nero,] afugentados todos os temores, dispõe-se a apressar as suas núpcias com Popeia [...] e a repudiar a sua mulher Octávia, a qual, embora vivia modestamente, lhe era insuportável [...]. Nero [...] ao ver que todos os seus crimes eram considerados como virtudes, expulsou Octávia pretextando que era estéril; depois, uniu-se com Popeia. [...] Ao se terem terminado os jogos, Popeia morreu, vítima de um acesso de ira do seu marido, o qual, sem reparar na sua gravidez, a derribou com um pontapé. [...] Foram-lhe tributadas, porém, exéquias oficiais.

Sêneca, imperturbável, pede as tabuinhas do seu testamento [...]. Vendo-os chorar, fala-lhes primeiro com simplicidade, depois mais severamente, à maneira de quem repreende, fá-los tornar para a firmeza, perguntando-lhes onde é que foram parar as lições da sabedoria, onde os princípios meditativos durante tantos anos contra a fatalidade. Quem, então, não conhecia as sevícias de Nero? Nada mais lhe faltava, após ter assassinado a sua mãe e o seu irmão, que acrescentar a morte do seu educador e preceptor. [...] Logo a seguir de ter dado estes conselhos e outros parecidos como se se dirigisse indistintamente a todos, abraçou-se à sua mulher e, um pouco enternecido apesar da fortaleza de espírito daquela hora, roga-lhe e suplica-lhe que modere a sua dor e que não se desassossegue para sempre, mas que, na contemplanção de uma vida livrada à virtude, mitigue a perda do marido com honestas consolações. [...] Nessa altura, mesmo nestes últimos momentos, em plena possessão da sua eloquência, chamou os seus secretários e ditou-lhes um longo discurso...»

© Photo: Anissa Benet



«Mas verdadeiramente, na contundente e inteligente direcção de personagens de David Alden, não há nenhuma personagem secundária. As relações, os problemas e as forças de atracção e de recusa que dominam estas personagens tomadas da idade antiga são levados sobre o cenário de uma maneira tão próxima, realista e humanamente crível que esta comédia furiosa sobre o triunfo da imoralidade, as intrigas e o poder se desenvolve numa dimensão intemporal, vigente e profundamente pessimista. A precisão — e às vezes também a ênfase crua — da encenação aproveita-se da cenografia elegante e variável que apenas insinua as cenas (Paul Steinberg). A frugalidade resolvida e o colorido frio desta cenografia evocam-nos a atmosfera dos quadros de Edward Hopper. O vestuário de Buki Schiff, ora subtilmente divertido, ora muito elegante, contribui decisivamente à obtenção de uma tipificação inconfundivelmente visual das personagens.» *Farbensprühender Bilderbogen*. («Neue Züricher Zeitung», 16 de Julho de 1997)

«Já o prólogo é suficientemente cínico, no qual Amor faz saber laconicamente à Fortuna e à Virtude que lhes ensinará a lição da insignificância da sua vã loquacidade, a qual se torna no fim uma caricatura completa. A Fortuna é uma velha caprichosa, a Virtude, ao contrário, leva a barriga até à boca e caminha com a ajuda de duas muletas. As duas balançam-se sobre as solas de plataforma que as arrastam — a alegoria fica eliminada quando o deus com asas Amor se senta sobre uma porta giratória que simboliza a nora do amor e regula a entrada na esfera do poder. [...] Tudo é móvel, flui e oscila...»

Gerhard R. Kok: *Wo die lautere Amoralität triumphiert*. («Frankfurter Allgemeine Zeitung», 16 de Julho de 1997)

«Mas então, este género artístico supostamente caduco começa de golpe a bater de maneira tão viva como se acabasse de chegar ao mundo. E esta droga que é a ópera libera o seu material viciador e o espectador vive narcotizado durante todo o dia seguinte à representação. Escassos momentos de fortuna que se podem experimentar em *L'incoronazione di Poppea* de Monteverdi»

Claus Spahn: *Sex & Crime in Himbeerrot*. («Süddeutsche Zeitung»)

«Ainda há uma tendência moralista de carácter vitoriano de tentar encontrar algum tipo de “acesso” a esta ópera totalmente amoral, de pesquisar uma personagem com que as amáveis audiências de classe média se possam identificar de alguma maneira e utilizá-la como rede de segurança. Alden não recorre a nada disso. Seneca é um intermediário velho e pedante e, os seus discípulos, uns estudantes de idade avançada. Drusilla é uma assistente pessoal atordoada. [...] Evidentemente, esta não é toda a história, e a tensão entre o texto e a caracterização é uma das fascinações constantes desta produção extraordinariamente provocativa e madura.»

Rodney Milnes: *L'incoronazione di Poppea*. («The Times», 23 de Julho de 1997)

«Que festa! Verdadeiramente, a encenação de David Alden de *L'incoronazione di Poppea* de Claudio Monteverdi não perdeu nada da sua força de percussão desde a sua estreia, faz agora quatro anos — e o mesmo pode dizer-se da sua eficácia musical. [...] Esta representação é um dos poucos acontecimentos totalmente soberbos que actualmente nos pode mostrar o género da ópera, carregado de anos.»

Reinhard Schluz: *Welch ein Fest*. («Süddeutsche Zeitung, 2001»)



© Photo: Anissa Benet

A dramaturgia de David Alden para *L'incoronazione di Poppea*

L'incoronazione di Poppea é uma ópera extraordinariamente complexa em registos musicais e dramáticos: Convivem nela ingredientes históricos –o argumento segue historiadores romanos como Tácito e Suetónio–, personagens mitológicas –Amor, Palas, Mercúrio– ou personagens populares como os criados dos protagonistas, que têm com frequência um carácter cómico. E, do ponto de vista musical, convergem os recursos característicos da música do Renascimento e de Monteverdi: O *recitar cantando*, as árias curtas e as árias *da capo*, os duetos, os madrigais ou os *ariosos*, com um notável virtuosismo vocal e instrumental. David Alden tentou, porém, unificar o tratamento dramático de todos estes materiais com o registo fundamental desta ópera: O tom de farsa com que Busenello e Monteverdi referem a ascensão de Poppea até ao leito imperial que a havia de converter em imperatriz de Roma. David Alden, por outro lado, evita que a farsa seja uma comicidade domesticada pelas convenções históricas e busca, ao contrário, uma comicidade que impacte a sensibilidade contemporânea.

Já ao se levantar o pano, os espectadores observarão que o diálogo alegórico entre a Virtude, a Fortuna e Amor –uma oportunidade para realizar uma cena estática– converte-se numa caricatura que expressa muito bem o que este diálogo significa: O amaneiramento sofisticado da Fortuna, o carácter imperativo e mal-humorado da Virtude –ambas tentando aumentar a sua altura com coturnos– e a cena mostrando Amor encimado numa porta giratória –uma alusão à roda da Fortuna– que parece dar acesso ao poder.

E, paralelamente, quando a música e o texto adquirem um registo lírico, então Alden deixa a personagem sozinha na cena, a fim de que a sua voz nos chegue isenta de qualquer outra circunstância distinta do próprio canto. Este registo, burlesco e patético ao mesmo tempo, é aplicado por Alden a cada uma das cenas da ópera sem esquecer nunca que «as relações, os problemas e as forças de atracção e de recusa que dominam estas personagens tomadas da idade antiga são levados sobre o cenário de uma maneira [...] que esta comédia furiosa sobre o triunfo da imoralidade, as intrigas e o poder se desenvolve numa dimensão intemporal, vigente e profundamente pessimista.»



Maire Beaumont / Dominique Visse

David Alden: «É uma das melhores óperas da História»



GTL– É a primeira vez que se representa *L'incoronazione di Poppea* no Liceu. Como explicaria a importância desta obra?

D. A.– É muito simples: *Poppea* é uma das melhores óperas de toda a história do género. É fascinante ver como, num momento em que a ópera era ainda uma forma de arte muito jovem, com uns trinta anos de vida, já era possível chegar a criar uma peça mestra como esta. O libreto de Gian Francesco Busenello é uma peça excepcional que se coloca ao nível dos

melhores libretos de Da Ponte ou de Hofmannsthal; e o que resulta mais excepcional é, ainda mais que a qualidade literária do libreto, a combinação perfeita entre texto e música que imaginaram Claudio Monteverdi e o libretista. *Poppea* tem de situar-se no contexto do século XVII, da tentativa de recuperação dos dramas gregos, em que o texto tinha de ser igual de importante que a música; e, de facto, a música tinha de reforçar o texto, fazê-lo inteligível e sublinhar o sentido de cada uma das cenas. É um privilégio, para o público de um teatro de ópera de longa tradição como o Liceu, ter a possibilidade de descobrir, em pleno século XXI, uma peça desta magnitude.

GTL– Para você, qual é o tema da ópera?

D. A.– A ópera apresenta **um dos temas estrela de todas as épocas: A relação entre sexo e política**. Encontramo-nos no período de decadência de Nerone, imperador de Roma, e das intrigas de Poppea para poder conseguir não só o amor de Nerone, mas também a coroa e o trono de imperatriz do Império. A conspiração de Poppea triunfa contra os mais elementares princípios morais e o fim aparentemente feliz da obra, que parece uma apologia da imoralidade, é um sonho de felicidade cheio de ironia e de

desconfiança em relação à natureza humana. Para encenar a ópera, inspirei-me em fontes tão diversas como Antonioni ou Fellini. Quis criar um mundo cheio de cor ao estilo Pop Art e um mundo psicologicamente próximo de Kafka. Um mundo de escritórios e de corredores escuro e decadente, onde há ratas que, das cloacas do poder, trabalham para vestir de luxo uma alta sociedade decadente e que perdeu qualquer referência ética.

GTL– Como descreveria as personagens principais?

D. A.– Uma das razões da excepcionalidade da obra é precisamente **a complexidade das personagens, que são todas elas seres fascinantes cheios de contradições**. Nerone é um homem jovem inteligente e sensual que, no início da ópera, se encontra num momento da sua vida em que ainda tem a possibilidade de converter-se num bom governante, num homem honesto e num bom marido, mas ao longo da obra vemos como escolhe o caminho oposto e se vai tornando o monstro que nos mostrou a História. O que é excepcional é como o compositor e o libretista conseguem evitar que a personagem seja completamente negativa. Esta mesma complexidade manifesta-se em Poppea: Certamente, trata-se de uma cortesã que busca poder e riqueza, mas também é uma mulher muito vulnerável no meio de um jogo muito perigoso em que tenta jogar as suas cartas com risco e inteligência, para além de sentir uma fascinação por Nerone que é real. Também é uma personagem mais complexa do que simplesmente maligna. É igualmente muito sofisticado o retrato que os autores nos fazem da personagem de Seneca, um grande filósofo e pensador que tem ideais e princípios gravados em mármore, mas que se implicou num governo autoritário que detesta. Sabe que este governo se consolidou em grande parte graças à cumplicidade de homens públicos rectos e prestigiosos como ele. Por isso, acabou convertendo-se em alguém que fala demasiado, que se investiu de uma pomposidade vazia mesmo para si próprio. A sua inteligência excepcional não lhe permite o autoengano: É consciente de que vendeu a sua alma. Aceita a morte porque sabe que a merece após ter atraído os seus próprios princípios. Ao seu lado, é emocionante encontrar a personagem de Ottone, honesto e digno mas um perdedor nato, fraco, incapaz de fazer frente às perigosas intrigas das outras personagens. O resultado da chegada ao cenário destas personagens complexas e fascinantes é uma combinação de tragédia e comédia digna do melhor Shakespeare. Estamos a falar de teatro em maiúsculas.

Damià Carbone11



Apresentação da temporada 2009-2010

O Liceu vai apresentar a nova temporada 2009-2010 aos meios de comunicação social. Em conjunto, 11 óperas, 1 zarzuela, 3 espectáculos de dança, 5 concertos, 5 recitais, a programação no Foyer e as sessões "golfes" (à noite) configuram a nova temporada artística, a que se deve acrescentar as óperas e outros espectáculos para os mais pequenos.

Mais informação: www.liceubarcelona.cat

Livro *Liceu Òpera Barcelona*

O Liceu editou uma nova publicação que já está à venda: O livro *Liceu Òpera Barcelona*.

No artigo principal, o jornalista Ramon Oliver oferece a sua visão particular para nos aproximar do Teatro e da sua história, uma visita que se complementa com fotografias originais de Jordi Play.

O segundo bloco é um percurso, a cargo de Teresa Lloret com o assessoramento de Jaume Tribó, por algumas das óperas mais destacadas programadas ao longo da história do Liceu, com fotografias de grande formato de Antoni Bofill, de Antoni Ras Rigau e dos fotógrafos que nos últimos anos se beneficiaram das bolsas de estudos Liceu outorgadas a estudantes do CITEM (Centro de Imagem e Tecnologia Multimédia) da Fundação UPC (Universidade Politècnica de Catalunya)

A realização editorial da Ara Llibres está disponível na loja do Espai Liceu em três versões (catalão, castelhano e inglês) com um preço de venda ao público de 18 €.

Sessão «golf» (à noite) na Sala Principal

Encaje (Encaixe)

Adriana Varela na Sala Principal



Obras de Aníbal Troilo, Homero Manzi, Enrique Santos Discépolo, Carlos Gardel, Alfredo Le Pera, Celedonio Flores, Enrique Cadícamo e outros.

Adriana Varela, *cantante*
Marcelo Macri, *piano e direcção musical*
Horacio Avilano, *guitarra*
Walther Castro, *bandónion*

«O Liceu torna-se, por uma noite, o vértice do triângulo histórico do tango: Buenos Aires-Paris-Barcelona»

Fevereiro de 2009

Dia 21, às 21 h

Venda de bilhetes



ServiCaixa
902 53 33 53
servicaixa.com

LiceuDirecte
www.liceubarcelona.com

TaquillesLiceu
Sant Pau, 1

El Petit Liceu (O Pequeno Liceu)

Pedro e o Lobo

No Gran Teatre del Liceu



Música

Serguei Prokófiev

Encenação

Enrique Lanz

Produção

Compañía Etcétera

Cada instrumento representa uma personagem neste conto musical com narrador que explica a história do Pedro, um menino que com a sua inteligência e a sua valentia vai ser capaz de capturar o lobo.

Fevereiro de 2009

Dias 7 e 14, às 10,45 e 12,45 h; dia 15, às 11 h

Venda de bilhetes



ServiCaixa
902 53 33 53
servicaixa.com

LiceuDirecte
www.liceubarcelona.com

TaquillesLiceu
Sant Pau, 1

LAIE LICEU

CD - *L'incoronazione di Poppea* de Claudio Monteverdi Antonacci, Visse, Daniels, Moll, Bolton (1997) Bayerische Staatsoper & Bavarian State Opera.

DVD - *L'incoronazione di Poppea* de Claudio Monteverdi Delunsch, Von Otter, Minkowski (2000) Les Musiciens du Louvre. Encenador: Klaus Michael Grüber. Festival d'Aix-en-Provence 2000.

DVD - *L'incoronazione di Poppea* de Claudio Monteverdi Ewing, Bailey, Clarey, Leppard (1984) London Philharmonic Orchestra, The Glyndebourne Chorus. Glyndebourne Festival Opera, 1984. Encenador: Peter Hall.

Livro - *Opera's First Master* (+ CD) de Mark Ringer The Musical Dramas of Claudio Monteverdi Analisa as obras de Monteverdi situando-as no contexto teatral e musical da sua época. Inclui um CD com fragmentos de óperas do compositor.

Livro - *El Mundo Clásico en la ópera de Monteverdi AA.DD* Catálogo da exposição dedicada ao IV centenário de *L'Orfeo* (1607-2007), organizada pela Comunidade de Madrid. É um estudo sobre o legado humanista do Renascimento na ópera de Monteverdi.

laie liceu

O Gran Teatre del Liceu obtve a certificação ISO 14001 (Internacional Standard Organization) / EMAS (Ecomanagement and Audit Scheme).



Consell de Mecentatge



Telefónica



Patrocinadors i Protectors

ABANTIA - ACCENTURE - ALMIRALL - ATOS ORIGIN - AXIMA - BTV, BARCELONA TELEVISIÓ - BON PREU - BORSA DE BARCELONA - CESPÀ - FERROVIAL - CHOCOLAT FACTORY - COBEGA - FUNDACIÓ COCA-COLA ESPÀÑA - DANONE - EL PUNT - ENAGAS - EPSON IBERICA - ERCROS - ESPAIS PROMOCIONS IMMOBILIARIES - EUROMADI - EXPANSIÓ - FCC CONSTRUCCIÓ - FERRERO IBERICA - FIAT - ASSEGURANCES - FUNDACIÓ PUIG - FUNDACIÓ CULTURAL BANESTO - GENERAL CABLE - GFT IBERIA SOLUTIONS - GRAFOS - GRAN CASINO DE BARCELONA - GRUP PERALADA - GVC - INDRA - KLEIN - LABORATORIOS INIBSA - LABORATORIOS ORDESA - LICO CORPORACIÓ - MEDIA MARKET - METALQUÍMIA - MONTBLANC - MYLAN - NATIONALE SUISSE - PEPSICO - PHILIPS IBERICA - PORT DE BARCELONA - PRICEWATERHOUSECOOPERS - SACRESA - SACYR VALLEHERMOSO - SAGA MOTORS - SANOFI - AVENTIS - SAP - SERVIDRED - SOGEUR - TECNICSA - TECNOCOM - TRANSPORTS PADROSA